

portugal1914.org

LEGAÇÃO
DA REPUBLICA PORTUGUESA
EM FRANÇA

Paris, 22 de Junho de 1915

Nº - 954
S - A
P - A

30
29-6-15

Exmo. Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros

Pelo correio de hoje e registado, tenho a honra de remeter a V. Ex. um pacote de folhetos que têm por titulo " A Guerra actual é a obra da Alemanha ", e que me foram enviados por ordem deste Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Saude e Fraternidade

Redeumont Rodrygu

A. J. J. Publicação Publica (C. H. 0) em F. Y. 911-

A GUERRA ACTUAL É A OBRA DA ALLEMANHA

I

A ALLEMANHA QUIZ A GUERRA

Este facto resulta não só das linhas geraes da politica allemã, a qual n'estes ultimos dez annos se resume em duas palavras: *ameaças e armamentos*, — da doutrina official dos intellectuaes allemães, espalhada em livros e jornaes que, tendo por base a superioridade mystica da raça germanica, nunca cessou de precocisar a guerra, a aggressão e a conquista, — mas tambem se prova por documentos irrecusaveis, dos quaes extrahimos as duas passagens seguintes:

Um relatório official allemão.

A nossa nova lei militar não é mais do que um complemento da obra d'educação militar do povo allemão. Os nossos antepassados de 1813 realisaram os maiores sacrificios. Temos dever sagrado de afiar a espada que nos collocaram entre as mãos, para com ella nos defendermos, ou com ella atacarmos os nossos inimigos. *E' preciso fazer bem penetrar no povo a ideia que os nossos armamentos são uma resposta aos armamentos e á politica franceza. E' preciso habitual-o a pensar que uma guerra offensiva de nossa parte é uma necessidade para combater as provocações do adversario. E' preciso obrar com prudencia para não despertar a minima suspeita e evitar as crises que poderiam causar prejuizo á nossa vida economica. E' preciso conduzir tudo de maneira que, sob a forte impressão dos armamentos poderosos, de consideraveis sacrificios e d'uma difficil situação politica, por todos seja considerado como um dilvio, o arrebatamento mesmo irreflectido, — porque só assim eremos longos annos de paz e de prosperidade, como succedeu após a victoria de 1870. E' preciso preparar a guerra, ao ponto de vista financeiro, porque ha muito a fazer n'este sentido. Convem não despertar a desconfiança dos nossos financeiros, mas ha muitas cousas que lhes não poderemos esconder.*

"..... Devemos ser sufficientemente fortes para podermos niquilar, com um poderoso esforço, os nossos inimigos do norte e do sul. Mas, na proxima guerra europea, é necessario que os pequenos estados sejam obrigados a seguir-nos ou mesmo a ficar dominados por nós. Em determinadas condições, os exercitos e praças fortes d'esses estados podem ser rapidamente vencidos ou neutralizados, o que com certeza succederá na Belgica e na Hollanda, afim d'impedir que o nosso inimigo do sul se apodere d'um territorio, excellente para sua base d'operações no nosso flanco... No que nos diz respeito, a situação em frente dos pequenos estados da nossa fronteira do oeste-oeste: isso seria para nós uma questão vital e o fim para o qual seria preciso tender, — o de tomar uma fulminante e superior offensiva logo desde o primeiro dia. Para isso é necessario concenstrar um grande exercito, reguido de consideraveis quantidades de landwehr que determinarão os exercitos dos

(A seguir na pagina detraz.)

II

A INICIATIVA DA GUERRA DEVE-SE Á ALLEMANHA E Á AUSTRIA

O ultimatum austriaco á Servia foi a causa da guerra. E esse ultimatum impunha condições de tal ordem que nunca poderiam ser accites por um paiz independente. Ora hoje está comprovado officialmente, que o texto d'esse ultimatum havia sido redigido com antecendencia entre as duas chancellarias de Berlim e de Vienna.

O proprio *Livro Branco allemão* declara:

"Nestas circunstancias a Austria se via obrigada a affirmar que, nem a sua dignidade, nem os cuidados inherentes a salvaguarda do Estado lhe permittiam de ficar como simples espectadora d'esses conluos (servios). O Governo imperial e real communicou-nos o que pensava e pediu-nos o nosso aviso. Do intimo do coração podemos dizer á nação, nossa alliada, que estavamos d'accordo com ella no modo d'encaerar a situação, assegurando-lhe que qualquer acção que achasse necessaria, para pôr um termo ao movimento dirigido na Servia contra a existencia da monarchia, teria a nossa approvação. Ora nós sabiamos perfeitamente que uma attitude bellicosa do parte da Austria contra a Servia lançaria na arena a Russia e, conforme o nosso dever d'alliados, seriamos arrastados nós mesmos n'uma guerra."

(*Livro Branco Allemão*, prefacio, p. 45.)

Um escriptor allemão celebre, Sr. Maximiliano Harden, que passa em geral por ser bem informado, deu-nos sobre este assumpto as seguintes notas da mais surpreendente evidencia:

"Se podessemos conceber que o Chanceller allemão não conhecia até aos seus ultimos detalhes o que a Austria ia reclamar a Belgrado; se podessemos sómente conceber que teriamos podido ser surpreendidos pela nota á Servia, então seria preciso dizer que nos achavamos n'uma situação ainda mais humilhante do que na epocha da Confederação germanica e que não eramos alliados da Austria, mas sim seus lacaios. O nosso orgulho nacional revoltar-se-ia contra um alliado que desdenhandon-os, sem nos consultar, tivesse lançado sobre nós o fardo principal da acção que se ia empenhar. Em taes condições, com effeito, não era mais o que havia sido, contrariando os nossos interesses. A Austria seria obrigada a guardar com a maior parte do seu exercito as suas proprias fronteiras contra a Italia, a Rumania, a Servia e o Montenegro, antes de nos poder vir em auxilio contra um ataque russo.

(A seguir na pagina detraz.)

III

A ALLEMANHA NADA FEZ PARA SALVAR A PAZ

A paz achava-se gravemente comprometida após o ultimatum austriaco. A questão apresentada n'esse documento não interessava apenas a Austria e a Servia, mas a Europa inteira. O que realmente a Austria pedia, dictando as suas condições a um Estado visinho, d'uma forma tão brutal e imperativa, era uma capitulação incondicional, era a confissão d'um estado de dependencia politica, era uma verdadeira conquista em plena paz. Por esta forma, o grupo austro-hungaro, que annexára a Bosnia, obtinha a preponderancia nos Balkans, abrindo para as suas ambições a porta do Mediterraneo e do Oriente. Problemas tão graves interessavam, ao mais alto grau, não só a Russia, profundamente e directamente ameaçada nas suas sympathias e interesses, mas todas as potencias do Triplice Accordo, sem mencionar outras ainda. Era inevitall pois a conflagração geral.

E para a evitar, o que fizeram as potencias do Triplice Accordo? O que fez o grupo austro-allemão?

A Servia, sob a pressão dos Estados do Triplice Accordo, accita a maior parte das condições impostas pela Austria e pede para negociar sobre as restantes. A Austria recusa se a discutir e declara a guerra.

A Russia pede uma prolongação do prazo da negociação. A Austria recusa.

A Russia obrigada a tomar certas medidas de precaução, declara-se prompta a interromper a sua acção militar se a Austria consente a retirar do seu ultimatum as condições que ferem a Soberania da Servia. — Como respondeu, a Austria bombardeia Belgrado.

A Inglaterra propõe, para essa questão eminentemente europeia, a cooperação das quatro potencias menos directamente interessadas e a qual, no anno precedente, em conjuncturas quasi assim tão graves, havia sido aceite pela Allemanha e a Austria. — A Allemanha repelle essa proposta.

(A seguir na pagina detraz.)

IV

A ALLEMANHA INTERVEM DIRECTAMENTE PARA IMPEDIR A PAZ

No momento supremo, a Austria parece emfim comprehender as consequencias da sua teimosia e, pela primeira vez, declara-se prompta a disentir com a Russia o fundo do litigio. Este facto, da mais alta gravidade, comprova-se por muitos documentos diplomaticos e, entre outros, o do trecho seguinte d'uma carta do Sr. de Bunsen, embaixador da Inglaterra em Vienna:

"Em 30 de julho, o Conde Berchtold recebeu o Sr. Schebeko (embaixador da Russia em Vienna) d'uma maneira extremamente amavel e deu o seu consentimento a que se continuassem as negociações em São Peterburgo. A partir d'esse momento o estado de tensão entre a Russia e a Allemanha era muito maior do que aquelle que havia existido entre a Russia e a Austria. Enquanto a estes dois ultimos estados, tudo nos fazia suppor um arranjo proximo, e no r.º d'agosto, o Sr. Schebeko mandou-me dizer que o Conde Szapari tinha emfim cedido sobre o ponto em litigio, declarando ao Sr. Sazonof que a Austria consentiria a submeter á mediação os pontos que na nota dirigida á Servia pareciam incompatíveis com a segurança da independencia servia... A Austria tinha definitivamente cedido e a julgar pela communicação que o Conde de Mensdorf nos fez no r.º d'agosto, segundo a qual a Austria não nos tinha balido com as portas na mão em vista d'uma transacção qualquer, nem tinha interrompido as discussões sobre o assumpto, isso parecia indicar que ella mesmo esperava, ao ponto em que tudo se encontrava, uma solução pacifica. O Sr. Schebeko trabalhava até ao fim para assegurar a paz. Tinha uma linguagem a mais conciliadora para com o Conde Berchtold e disse-me que tanto este como o Conde Forgach lhe haviam respondido o mesmo. De certo, a Russia não ousava crer que a Austria podesse reter o seu exercito, mas poderia provavelmente arranjar esta questão, por meio de negociações, e o Sr. Schebeko disse-me diversas vezes que estava prompto a aceitar qualquer transacção razoavel.

(*Livro azul ingles*, p. 109-110.)

N'ESTE MOMENTO (31 de julho) A ALLEMANHA ENVIA O SUE DUPLO ULTIMATUM A RUSSIA E A FRANÇA.

É pois a Allemanha, a Allemanha só que n'esta guerra, teve o papel d'aggressor; e este facto é de tal maneira evidente que a sua propria alliada, a Italia,

(A seguir na pagina detraz.)

A GUERRA ACTUAL É A OBRA DA ALLEMANHA

I

A ALLEMANHA QUIZ A GUERRA

(Conclusão)

pequenos estados a seguirmos ou pelo menos a ficarem inactivos sobre a theatro da guerra e que os esmagariamos em caso de resistencia armada. . . . Um ultimatum a breve termo, seguindo-se immediatamente á invasão, permitirá justificar sufficientemente a nossa acção ao ponto de vista do direito das gentes. »

(Livro Amarello francez pags. 11-12 passim.)

O Imperador da Allemanha annuncia ao Rei dos Belgas a guerra.

Sua Ex.^a o Sr. Julio Cambon, embaixador da Republica Franceza em Berlim a sua Ex.^a o Sr. Stephen Pichon, Ministro das Relações Exteriores da França.

Berlim, 22 de novembro de 1913.

« Soube, por uma fonte absolutamente segura, d'uma conversa que o Imperador teria tido com o Rei dos Belgas, em frente do chefe d'estado-maior general Von Moltke, ha cerca de quinze dias, conversa que teria, parece, vivamente impressionado o Rei Alberto, o que não me surpreende tambem a mim mesmo, porque ha um certo tempo que sinto acentuar-se a hostilidade contra nós e o Imperador deixou de ser partidario da paz. »

O interlocutor do Imperador da Allemanha pensava até agora como toda a gente que Guilherme II, cuja a influencia pessoal se exercera em tantas circumstancias criticas em favor da paz, estivesse sempre nas mesmas disposições d'espírito. Achou-o d'esta vez, completamente mudado : o Imperador da Allemanha deixou de ser o campeão da paz contra as tendencias bellicosas de certos partidos allemães. Guilherme II principia a convencer-se de que a guerra com a França é inevitavel e que ella se dará, mais dia menos dia. Crê, naturalmente, na esmagadora superioridade do exercito allemão e no seu seguro successo.

O general de Moltke fala exactamente como o seu soberano. Elle tambem declarou a guerra necessaria e inevitavel, mostrando-se ainda mais certo do successo, « porque, disse elle ao Rei, d'esta vez é preciso acabar com isto e Vossa Magestade não pôde mesmo suppôr o enthusiasmo irresistivel com que o povo allemão acolherá a declaração de guerra. »

O Rei dos Belgas protestou que isso era desfigurar as exactas intenções do governo francez e que não deviamos encucar, como expressão dos sentimentos da nação franceza, as manifestações d'alguns espiritos exaltados, ou d'intrigantes sem consciencia.

O Imperador e o seu chefe d'estado-maior persistiram contudo no mesmo espirito bellico.

(Livro Amarello, pags. 20-21.)

II

A INICIATIVA DA GUERRA DEVE-SE Á ALLEMANHA E Á AUSTRIA

(Conclusão)

Só a idia que tivesse assim podido nos obrigar a entrar em conflicto, com a mais forte coalisação que até hoje se conheceu na Historia, seria o bastante para fazer explodir n'uma santa colera todos os que na Allemanha tem a real estima de si proprios e tem o sentimento do direito do seu paiz na obra do seu proprio destino. Porque deixar circular legendas tão perigosas? Porque é que não devemos admitir o que é, o que deve ser a verdade, isto é, que entre Vienna e Berlim tudo foi conjuntamente preparado? Seriamos como escravos, indignos de sermos os homens que estabeleceram a supremacia prussiana na Allemanha, seriamos os mogos d'estrebaria adornecidos, de Duncan, no Macbeth, se cincoenta annos depois Sedowa, as cousas se podessem passar d'uma outra maneira.

O ultimatum austriaco, ao qual se exigia uma resposta em quarenta e oito horas, foi remettido a Belgrado depois da Austria ter adormecido a opinião com indicações as mais conciliadoras, no momento em que o Presidente da Republica e o Ministro dos Negocios Estrangeiros da França se encontravam na Russia, quando o embaixador da Russia deixára Vienna e o Presidente do Conselho servio deixára Belgrado. Foi uma traiçoeira cilada !

Carta do Barão de Giesl, ministro da Austria e Hungria ao conde de Barchtold.

Belgrado, 21 de julho de 1914.

Se estamos resolvidos a formular vastas exigencias ligadas a uma fiscalisação efficaç (porque só isso nos permitirá de limpar as cocheiras d'Augias onde se dão todos o euredos panservios), é preciso cecar de frente todas as responsabilidades possiveis e ter antes de tudo a forte e firme vontade d'ir até ao fim.

As meias medidas, as exigencias seguidas de longas negociações e conduzindo nos a um compromisso bastardo, seria um golpe que attingiria o prestigio da Austria Hungria na Servia e diminuiria a nossa posição de grande potencia na Europa.

(Livro Vermelho austriaco, peca 6.)

III

A ALLEMANHA NADA FEZ PARA SALVAR A PAZ

(Conclusão)

A Inglaterra, a França, a Russia e a Italia multiplicam em Berlim e em Vienna os esforços e as combinações para encontrar um terreno de discussão. Como nos poderemos entender, se nem mesmo podemos conversar? A Allemanha recusa tudo e ella mesmo não faz propostas d'especie alguma.

Os Livros Amarello. Azul, Cór de Laranja estão cheios de telegrammas dirigidos pelos chefes diplomaticos dos Estados do Triplice Accordo para resolver pacificamente as difficuldades pendentes. O Livro Branco allemão, o Livro Vermelho austriaco não contem um unico telegramma, indicando que do lado de Berlim se tivesse feito o minimo passo em favor da paz.

Por telegramma pessoal ao Kaiser, o Czar propoz, em 29 de julho, submeter a questão entre a Austria e a Servia ao tribunal internacional da Haya.

Nenhuma resposta.

Em 30 de julho, na esperanza de manter a paz e para prevenir qualquer incidente da fronteira, o Governo francez ordenou ás suas tropas de se retirarem a dez kilometros para aquem da fronteira.

Em 1.^a d'agosto as tropas allemães invadiram o territorio francez, a estação franceza alfandegaria de Delle foi atacada; duas patrulhas allemães do 5.^o regimento de caçadores a cavallo penetraram até ás aldeias de Joncherey e de Bernon, a mais de dez kilometros da fronteira, onde assassinaram um soldado francez. No mesmo dia a Allemanha depois de ter declarado a guerra á Russia, declara ao mesmo tempo a guerra á França sob o pretexto falso e absurdo de que haviam sido lançadas bombas por aviadores francezes nas proximidades de Nuremberg!

IV

A ALLEMANHA INTERVEM DIRECTAMENTE PARA IMPEDIR A PAZ

(Conclusão)

declara desde o primeiro instante que se não achava mais ligada pelo pacto puramente defensivo que a prendia aos dois imperios germanicos.

A sentença d'um neutro.

O Sr James M. Beck, ex-advogado geral adjunto dos Estados-Unidos da America do Norte, depois de ter longamente examinado, segundo as formas ordinarias dos tribunacs, o litigio pendente entre a Dupla Alliança e o Triplice Accordo, deu a sentença seguinte que pôde ser considerada, como a esclarecida expressão do pensamento dos neutros imparciaes :

1.^o — A Allemanha e a Austria, n'um momento de profunda paz, combinaram entre as duas secretamente a maneira de se imporem á Europa e á Servia, n'uma questão de que dependia o equilibrio europeu. Não está sufficientemente estabelecido que, procedendo assim, tivessem o intento de precipitar uma guerra européa para depois se assenhorem da Europa, embora tudo por ulterior conducta nos indique a possibilidade d'uma tal politica. No entanto, tornaram a guerra quasi inevitavel.

a) Enviando um ultimatum extremamente imperitente e de forma alguma em relação pela enormidade das exigencias da Austria, e

b) não dando á Servia e á Europa o tempo sufficiente para considerar os direitos e as obrigações de todas as nações interessadas.

2.^o — A Allemanha teve em todos os momentos o poder de forçar a Austria a guardar uma attitude rasoavel e conciliadora, mas ella nunca quiz exercer essa influencia d'uma maneira seria. Ao contrario, foi ella com certeza que fomentou e; talvez mesmo, impelliu a Austria a proseguir a sua politica perturbadora e sem criterio.